



**Organizadores:**

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda  
Luiz Antônio Araújo Gonçalves  
Antônio Jerfson Lins de Freitas



**Trajetórias de pesquisadores e  
os estudos das cidades médias  
em perspectiva**



Série  
Território  
Científico

SER  
TÃO  
CULT



**Virginia Celia Cavalcante de Holanda** é graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa Dinâmica urbana e regional junto ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde desenvolveu pesquisa: “O Papel da Interiorização do Ensino Superior no espaço Urbano e Regional das cidades médias do Nordeste Brasileiro”. Bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), para o período de novembro de 2020 a novembro de 2022.



**Luiz Antônio Araújo Gonçalves** é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, mestre e doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGeo/UECE. Realiza Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa - Natureza, campo e cidade no semiárido junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi Coordenador adjunto do Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG/UVA e Pró-Reitor de Extensão e Cultura da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atualmente é Professor Adjunto dos Cursos de Geografia (Bach. e Licenc.) e do MAG/UVA.



**Antônio Jerfson Lins de Freitas** é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

**Organizadores:**

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda  
Luiz Antônio Araújo Gonçalves  
Antônio Jerfson Lins de Freitas

# Trajетórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva



Sobral-CE  
2022



## Trajatórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva

© 2022 copyright by Virginia Célia Cavalcante de Holanda; Luiz Antônio Araújo Gonçalves; Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com

### Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

### Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

#### Conselho Editorial de Geografia

Alberto Pereira Lopes  
Carlos Alberto de Vasconcelos  
Iapony Rodrigues Galvão  
Otávio José Lemos Costa  
Paulo Rogério de Freitas Silva  
Sandra Llana Mansilla  
Telma Bessa Sales  
Wendel Henrique Baumgartner

#### Revisão

Antônio Jerfson Lins de Freitas

#### Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

#### Capa

João Batista Rodrigues Neto

#### Catologaao

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967



T768 Trajatórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva. / Organizado por Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Antônio Jerfson Lins de Freitas. – Sobral-CE: Sertão Cult, 2022.

262p.

Série Território Científico, v.02.  
ISBN: 978-85-67960-88-3 - papel  
ISBN : 978-85-67960-89-0 - e-book em pdf  
Doi: 10.35260/67960890-2022

1. Geografia urbana. 2. Cidade Mdia. 3. Território e Pesquisadores. I. Holanda, Virginia Célia Cavalcante de. II. Gonçalves, Luiz Antônio Araújo. III. Freitas, Antônio Jerfson Lins de. IV. Título.

CDD 910.130776



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

## Prefácio

Prefácio? E o que é um prefácio? Fiz e refiz muitas vezes essa indagação. Homenagens? *Bah!* Sobreviver tem sido o lema na pandemia. Esta indagação levou a várias considerações e reafirma a nossa forma de sobreviventes no percurso. Devemos todos receber as maiores homenagens possíveis. E todos sabem o porquê.

Nos dicionários, prefácio é um dito antes (*fatio-prae*), texto que precede a obra, introdutório, curto, com o intuito de preparar o leitor para o que encontrará e com o que se deleitará. É uma escolha. Aqui ele será pelos autores, entrevistados e entrevistadores, principalmente pela afirmação do compromisso com o conhecimento vivo e diverso na compreensão da cidade no urbano e do urbano na cidade.

Ainda na significação do prefácio, diz-se que *utilizá-lo é para tentar seduzir à leitura*, o que torna uma oportunidade de ler o *Trajatórias* como continuidade de um trabalho de longa duração, expressa em agenda do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas e das atividades do *Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB)* no Mestrado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), levado adiante no ano de 2020 e realizado através de plataforma digital, gravado e transformado em forma de livro. Esta é uma experiência coletiva extraordinária.

Da feitura do *Trajatórias*, depreende-se como a precarização da atividade acadêmica revela os ufanismos no tempo pandêmico: “os professores precisam se reinventar”, “os professores precisam se adequar para ensinar por meios virtuais”. A produção coletiva, aliada à potência da imagem viva (e falada) com os minutos de fama da *Web*, redefiniu a agenda e a continuidade das trajetórias se fez em exame.

Não obstante, as condições necessárias e indispensáveis para o uso de tecnologias nas pesquisas e no ensino são sempre admiradas e com capilaridade variada nas instituições educacionais. A capacidade dos sujeitos do conhecimento diante das adversidades e a empatia perante as relações docente-discente e nas tarefas orientador-orientando conduziu todos nós a uma reprodução ampliada do conhecimento, com a criação de canais de *Web*, *lives*, jornadas, conversas, entrevistas, defesas e muita divulgação científica, como esta aqui, se multiplicando num turbilhão incoerente.

E tais encontros virtuais já se realizam há muito tempo (ao menos há 15 anos), em exames de qualificações, defesas de mestrado e doutorado e orientações. Nesse período, as experiências da Universidade Aberta do Brasil (UAB) contribuíram para a implantação de cursos de graduação à distância, sobretudo de Matemática, Pedagogia e Letras. Muitos dos recursos foram aprimorados nessa experiência de UAB. As plataformas abertas *Moodle* e *Sigaa* demonstram funcionalidades que carecem de ajustes.

Com isso, os abusos do uso de recursos tecnológicos e a fragilidade das políticas educacionais de tecnologia para ampliação de recursos humanos qualificados e para preparação de equipamentos de qualidade não abalaram os esforços da grande maioria dos colegas professores em aulas, palestras, defesas e debates. Afinal, o uso de plataformas digitais tem sido o *mister* dos docentes e pesquisadores antes e durante o ano de isolamento em 2020.

De sorte que poderia dizer: conheço essa turma. Quer dizer, conheço a maioria dos entrevistados e entrevistadores. E conheço por estar convivendo na mesma temporalidade e por fazer parte de uma geração de professores de Geografia que entendeu ser partícipe em contribuir para estruturar o ensino de pós-graduação e a pesquisa no país, atendendo ao chamado dos órgãos de fomento, sobretudo Capes e CNPq e as agências estaduais de pesquisas. As entrevistas, realizadas entre maio e novembro de 2020, chegam-nos em forma de texto e reforçam os seus conteúdos e objetivos sobre si como sujeito e sobre os objetos de pesquisa.

Alguns conheço *mais de perto*, dos tempos da graduação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) ou da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), ou ainda, por ocasião do mestrado ou do doutorado nas décadas de 1980-90. Com uma delas cheguei até a casar e, na *pequenina* Paraíba, criar

raízes. Sim! Como esquecer as paixões do conhecimento? Como esquecer os ânimos exaltados e os momentos tensos de debates de pesquisa, das contradições, das vontades e onde o inesperado causa uma surpresa?

Não pude deixar de notar - e anotar - que duas das entrevistadas compuseram a minha banca de doutoramento. O que posso dizer hoje é que fazemos pesquisa até ontem. Com uma delas, em especial, aprendemos a luta política e institucional da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), para “promover e estimular o estudo da geografia”, *uma* das finalidades da AGB. E bem que se diga que a grande maioria presente no *Trajétórias* foi ou está envolvida com esta cachaça chamada AGB, uma espécie de *cruzada agebeana de difusão da geografia*.

*Sem pesquisa de campo não se pode falar.* Assim, nos aparece uma referência ao Maoísmo da Geografia Francesa, quando se recorda a ambiência da experiência de formação. Este conteúdo exposto no *Trajétórias*, a dinâmica do debate e de seus resultados, pode ser visto tanto como um diálogo sobre a educação intuitiva e inconsciente da comunicação dos sentidos, como uma linguagem estética aprendida pelo estado de exceção pandêmico. E, sem dúvida, como uma riqueza de depoimentos para o estudo das cidades e do urbano. Estar presente no *Trajétórias* é dividir o pano, as varandas e os punhos dessas redes de estudos sobre a cidade e sobre o urbano, partícipe na construção da pesquisa colaborativa.

Certamente poderia qualificar tais trajetórias no âmbito da História da Educação e num amplo campo configurado como práticas escolares. Entrevistas de ou sobre trajetórias nos fornecem rico material de pesquisa para as práticas escolares e são sínteses dos modelos de formação de professores nas instituições às quais estão vinculados. É dessa maneira que as práticas escolares são renovadas; seja pelas trocas de experiências internas aos grupos de pesquisa, seja pela investigação dos conhecimentos. No aspecto geracional, corresponde às *trocadas de figurinhas*, que são as conversas, as derivas nos cafés, nas aulas; nas indicações e sugestões de temas, nas orientações, ajustes e desencontros que se operam na intersubjetividade, entre lares (ou hotéis) e bares.

A exposição das trajetórias de pesquisa, em todos os depoimentos, sem exceção, nos mostra que a prática da Geografia tem sido a formação

de professores; de que “*a prática do geógrafo tem sido o ensino de geografia*”. E, em que pese uma ou outra interpretação em relação aos conceitos e categorias das Ciências da Educação, todos são ou estão envolvidos com currículos, programas, conteúdos, avaliações etc. Tomar contato e adentrar nas experiências de cada um através dos relatos da institucionalidade da pesquisa e da formação profissional, dos entraves da instituição e do ensino é ver e olhar o entusiasmo, o contexto e a atuação em seus respectivos anos de formação. E, como síntese, os resultados: capacidade de auto-organização e condições de trabalho.

Isto posto, os percursos revelados pelos colegas entrevistados se encaixam, como disse, na História da Educação e nas práticas escolares. As dimensões práticas da convivência das pesquisas dos grupos e das pesquisas individuais nos cursos de graduação e pós comportam formas variadas de convivência, pois carregam as contradições das instituições. Portanto, fixá-la na dimensão da história e da educação nos permite sustentar que as pesquisas levadas a cabo pelos grupos aqui expostos é o estudo da cidade e do urbano como um tema subjacente ao trabalho docente com a dupla finalidade: deleitar e ensinar, tão afeitas à poesia homérica.

A despeito disso, revelam a compreensão diversificada das temáticas e a relevância do assunto, seja por amor lefebvriano (ou legoffiano) às cidades, seja por viver suas plenitudes. Agradável constatar, de soslaio, nas trajetórias, a hipótese de que o trabalho coletivo induz suplantando os provincianismos diante da monumentalidade cidadina. Os relatos são repletos da própria história do crescimento e expansão do trabalho da ReCiMe e dos grupos de pesquisa que o transitam, o que certamente se poderia escrever um quase-tratado.

Neste caso aqui, o recorte com tesoura e tesouradas da leitura se deu através das experiências individuais e educativas que nos contam sobre suas preferências, aportes teóricos e posturas profissionais e, sobejamente, sobre parte expressiva da Geografia Urbana brasileira nos últimos 40 anos.

Por fim, não é exagero dizer que provocar o leitor com leituras críticas do *Trajétórias* é um tanto fora de propósito. Em cada uma das trajetórias, um ou mais métodos de pesquisa, uma ou mais abordagens teóricas da ciência e da educação são expostos e refeitos. Por óbvio, muitas das ques-

tões colocadas são autoexplicativas para a análise do Brasil urbano. E, como tais, são lideranças acadêmicas exercidas por mulheres (ao menos na ReCiMe) que são as mais capacitadas e aquinhoadas com as qualidades para exercer e porque os demais as qualificam para que a Geografia Urbana produzida seja um *vir-a-ser*.

*Prof. Dr. Carlos Augusto Amorim Cardoso*

**Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**



## A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume *Diálogos sobre a Ditadura*, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série *Território Científico* chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais ligados ao Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe). Eis a obra *“Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”*.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles

que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

*Antônio Jerfson Lins de Freitas*

*Marco Antônio Machado*

**Coordenadores da Série Território Científico**

## Apresentação

O livro *“Trajetórias de Pesquisadores e os Estudos das Cidades Médias em Perspectiva”* é resultado das atividades do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas. O Grupo se formou no contexto da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, quando colegas que já desenvolviam estudos ou orientavam temas nessas escalas de cidades, participantes do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB), do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), decidiram manter o vínculo com alunos e professores de diferentes instituições de forma interativa, utilizando o *Google meet* para viabilizar o diálogo.

Nesse momento sendo também fundamental que se mantivessem ativas as conversas iniciadas no Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe), em dezembro de 2019, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e que seriam alinhadas em um evento em Sobral, programado para a última semana de maio de 2020, que contaria com a presença pesquisadores da ReCiMe em mesas redondas, conferências, trabalho de campo e reuniões de trabalho com o grupo do LEURB.

Da conjugação dessas necessidades, planejamos apresentar aos nossos alunos o pensamento de pesquisadores amplamente reconhecidos pelos estudos das cidades médias brasileiras, a aproximação indo das leituras de suas publicações, aos diálogos profícuos amparados nas trajetórias destes pesquisadores. Nesse sentido, somos gratos aos professores convidados que, embora envolvidos em muitas atividades, atenderam ao nosso convite e aceitaram participar das conversas em forma de entrevistas e a organização destas para publicação em e-book, numa linguagem coloquial pela espontaneidade das falas, permitindo que outros interessados tenham

acesso aos depoimentos tão inspiradores e carregados muitas vezes de uma mistura de razão e emoção.

Nessa toada, buscamos a valorosa adesão da ReCiMe, em conversas com o professor William Ribeiro da Silva e com a professora Doralice Sátyro Maia que, além do acolhimento à nossa ideia, participaram como entrevistados. Os demais colaboradores entrevistados foram: Maria Encarnação Beltrão Sposito, Rita de Cássia da Conceição Gomes, Zenilde Baima Amora, Antônio Cardoso Façanha, Wagner Vinicius Amorim, Beatriz Ribeiro Soares, Maria José Martinelli Silva Calixto e Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior. Tivemos também a alegria de contar com o querido Professor Carlos Augusto Amorim Cardoso que nos honrou com o prefácio dessa obra.

A atividade contou com o apoio da *Editora SertãoCult*, que incentivou as gravações das entrevistas dentro do projeto *Território Científico*, que ofereceu suporte a outras publicações no mesmo formato, no âmbito das Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) no ano de 2020, com publicações no formato e-book e possibilidade de acesso impresso atendida por demanda.

Por fim, consideramos que a experiência em mobilizar tantos pesquisadores que estudam diferentes cidades médias no território brasileiro foi exitosa. Mas também por conseguimos ampliar os horizontes dos nossos estudantes e contribuímos com a formação universitária e fortalecimento do conhecimento acadêmico num ano tão atípico. Por isso estamos felizes e gratos!

*Virgínia Célia Cavalcante de Holanda*

*Luiz Antônio Araújo Gonçalves*

*Antônio Jerfson Lins de Freitas*

**Organizadores**

# Sumário

Doi: 10.35260/67960890p.16-57.2022

**Dialogando, pensando e aprendendo com a trajetória de uma pesquisadora.....16**

Prof.<sup>a</sup> Maria Encarnação Beltrão Sposito  
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.58-74.2022

**Os desafios da formação e atuação de uma pesquisadora.....58**

Prof.<sup>a</sup> Rita de Cássia da Conceição Gomes  
Prof.<sup>a</sup> Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Doi: 10.35260/67960890p.76-99.2022

**Experiências acadêmicas e de pesquisa sobre as cidades médias cearenses.....76**

Prof.<sup>a</sup> Zenilde Baima Amora  
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.100-113.2022

**Levantando problemáticas de pesquisa: um convite para pensar a cidade e o urbano no Nordeste brasileiro.....100**

Prof. Antônio Cardoso Façanha  
Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.114-130.2022

**Os caminhos da formação e da pesquisa, tecendo uma trajetória.....114**

Prof. Wagner Vinicius Amorim  
Prof.<sup>a</sup> Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.132-146.2022

**Dividindo as múltiplas experiências de pesquisa e planejamento em cidades mineiras.....132**

Prof.<sup>a</sup> Beatriz Ribeiro Soares  
Prof. Antônio Cardoso Façanha

Doi: 10.35260/67960890p.148-179.2022

**Desafios, práticas e saberes sobre as cidades médias:  
um olhar a partir de Mato Grosso do Sul.....148**

Prof.<sup>a</sup> Maria José Martinelli Silva Calixto

Prof.<sup>a</sup> Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.180-199.2022

**Sobre escolhas e construção de caminhos, aprendendo com uma  
narrativa singular.....180**

Prof.<sup>a</sup> Doralice Sátyro Maia

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.200-229.2022

**Aprendendo sobre as cidades médias e pequenas da Amazônia  
brasileira.....200**

Prof. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.230-255.2022

**Um panorama dos estudos das cidades médias em debate.....230**

Prof. William Ribeiro da Silva

Prof.<sup>a</sup> Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

**Índice remissivo.....257**



Doi: 10.35260/67960890p.58-74.2022



**Rita de Cássia da Conceição Gomes**

é graduada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1979), mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (1989) e doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998), com Pós-doutorado pela Universidade do Porto - Portugal (2013). Atualmente é professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Participa dos Programas de Pós-graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - GEOCERES da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência acadêmica na área de Geografia Humana, Desenvolve pesquisa que contemplam os estudos do ordenamento do território, as pequenas e médias cidades; Estudos sobre o comércio e serviços, turismo, desenvolvimento regional e local e políticas públicas.

## Os desafios da formação e atuação de uma pesquisadora<sup>1</sup>

*Prof.<sup>a</sup> Rita de Cássia da Conceição Gomes<sup>2</sup>*

*Prof.<sup>a</sup> Virgínia Célia Cavalcante de Holanda*

**Prof.<sup>a</sup> Virgínia Célia Cavalcante de Holanda (UVA):** Professora Rita, fale um pouco sobre sua trajetória e experiência pessoal em seu campo de atuação.

**Prof.<sup>a</sup> Rita de Cássia da Conceição Gomes (UFRN):** Essa pergunta me levou a pensar um pouco sobre meu trabalho de memorial. A minha decisão de ser professora começou muito cedo. Antes de terminar o segundo grau, morando em uma cidade pequena, fui ser professora da rede municipal de ensino. Comecei ensinando as crianças em fase de alfabetização e, logo no ano seguinte, já era professora da Rede Estadual de Ensino, ministrando História e Geografia. Eu sempre fui apaixonada por História, mas fiquei com a Geografia. Passei no vestibular de Estudos Sociais. Era uma licenciatura curta, criada no período da Ditadura. História e Geografia deram origem ao Curso de Estudos Sociais. Um encontro que mudou muito o curso de minha história foi conhecer o Professor José Lacerda, ele me deu toda orientação para fazer depois o curso de Geografia, aliás, não só a mim. Nós éramos uma turma de 28 pessoas cursando Estudos Sociais, 23 fizeram Geografia por conta do professor Lacerda e ele aparece em muitos momentos da minha trajetória acadêmica. Então, quando terminei o curso de Geografia, logo fui chamada para ser professora na Universidade, eu aceitei o convite. Quando eu estava entrando no curso de Licenciatura em

<sup>1</sup> Entrevista realizada via *Google meet* em 15 de maio de 2020.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Geografia, coloquei na cabeça que seria ser professora da Universidade. Colei grau no dia 14 de julho de 1979 e, no dia 1º de agosto minha carteira já estava assinada como professora colaboradora, então fui ensinar Geografia. Era uma professora polivalente. Ensinava todo tipo de Geografia, por isso, não dava muito tempo para a pesquisa, era estudar para dar aula no dia seguinte. Depois eu decidi que ia fazer o mestrado. Trabalhei sempre com políticas públicas, decidi estudar a política de açudagem no Seridó.

No doutorado, começa minha história com as pequenas cidades. Fui estudar a fragmentação do território do Rio Grande do Norte, uma vez que, com a constituição de 1988, foi permitida a criação de novos municípios. Quando comecei a fazer minha pesquisa, as dúvidas foram surgindo diante da condição das pequenas cidades que estavam sendo criadas. por exemplo, uma cidade chamada “Venha Ver”. Essa cidade tinha mil e poucos habitantes e ia ser considerada cidade se fosse emancipada, e ela foi, e isso me despertou uma questão: *por que não se tem um estudo sobre isso?* Eu lembro que nos trabalhos de Geografia Urbana clássicos, Milton Santos, em 1979, faz um trabalho e coloca a questão da cidade local, mas estudada dentro de uma perspectiva de hierarquia urbana. Como ele ia colocar, por exemplo, “Venha Ver” dentro de uma hierarquia urbana se era mais uma zona rural iluminada que uma cidade? E isso começou a me incomodar, então terminei minha tese.

Em 2001 teve um Simpósio de Geografia Urbana (SIMPURB) em São Paulo, mandei um trabalho, juntamente com outros colegas, Anieres [Barbosa] e Valdenildo [Pedro da Silva]. Propomos levantar a discussão sobre pequenas cidades, na perspectiva de estudar esse município, pois no momento da fragmentação ocorriam discursos eleitoreiros. Depois da realização da tese, fiz uma revisão da compreensão que tinha sobre essas cidades, aí lançamos um texto onde discutíamos a definição do que era essa pequena cidade. A professora [Maria de] Nazareth [Baudel Wanderley] já tinha um trabalho sobre pequenos municípios. Produzimos um trabalho e enviamos para o evento. Porém, o trabalho foi reprovado. A professora Ana Fani (USP) era coordenadora desse evento. Insatisfeita com a reprovação, enviei uma carta meio desaforada para ela. Para a nossa satisfação, recebemos sua resposta afirmando que o trabalho seria apresentado em uma comunicação coordenada que aconteceria no evento às 21 horas na USP. Foi legal! Participaram dessa atividade a professora Doralice, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB),

a professora Beatriz Ribeiro, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o professor José da Silva (UFC) e a Ana Fani também assistiu.

Diante das discussões ocorridas durante a realização da atividade, decidimos investir mais no estudo da pequena cidade, o que foi muito positivo, de modo que no SIMPURB realizado em Recife foi proposto um grupo de debate sobre a pequena cidade. A partir daí, eu fui focando nessa discussão da pequena cidade e, nesse meio do caminho, começamos a investir na discussão do comércio, serviços, do terciário, colocando a pequena cidade como uma dimensão a ser estudada. Eu penso que sou uma pessoa que tenta estudar o urbano. Dei prioridade à escala espacial do Rio Grande do Norte, mas hoje eu tenho procurado investir na perspectiva de entender outras cidades do Nordeste, mas ainda não tenho uma definição exata de como iremos trabalhar, tendo em vista tantas diferenciações do território.

**Antônio Jerfson Lins de Freitas (*Editora SertãoCult*):** Como você analisa o impacto das suas pesquisas sobre Pequenas Cidades no campo da Ciência Geográfica?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** Eu me sinto muito gratificada. Às vezes, quando converso com outras colegas com quem dividi algumas pesquisas, entendo que desempenhamos um papel importante do ponto de vista do Nordeste, pois iniciamos o estudo sobre pequenas cidades, que até então praticamente não apareciam nos eventos. Não existiam estudos sobre as pequenas cidades e os papéis que elas desenvolvem na perspectiva do urbano; tudo era tratado dentro da hierarquia, rede. Então, nosso trabalho causa um impacto positivo na medida em que começamos a perceber o interesse pelo estudo dessas cidades. Com a realização desses estudos, percebemos que eles têm uma repercussão na Geografia como um todo e em diversos eventos e grupos de pesquisas importantes, como o grupo coordenado pelo professor Wendel Henrique, do estado da Bahia, sobre as pequenas cidades, dando visibilidade à temática.

**Prof.<sup>a</sup> Virgínia:** Em seu estudo de Pós-Doutorado, realizado na Universidade do Porto, em Portugal, você identificou diferenças entre as cidades de Portugal e as cidades do Nordeste Brasileiro?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** Meu estudo em Portugal foi sobre o ordenamento do território e, analisando as cidades portuguesas com relação às brasileiras, há se-

melhanças no tamanho e no número populacional, por exemplo. Entretanto, as diferenças são muitas. Portugal tem duas Regiões Metropolitanas, a do Porto e a de Lisboa, que contam com uma política de Ordenamento do Território, coisa que aqui não temos, além do que essas cidades contam com uma política de planejamento urbano efetiva de modo que, nesse sentido, as diferenciações a serem analisadas são várias.

**Prof.<sup>a</sup> Virgínia:** Fale um pouco sobre sua principal pesquisa.

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** Destacaria duas pesquisas importantes que fizemos sobre as pequenas cidades. Importantes até porque se desdobraram em outras pesquisas. Uma foi sobre as desigualdades socioespaciais no Rio Grande do Norte, onde percebemos o quanto isso é expressivo quando se compara, por exemplo, as diferentes cidades, principalmente as cidades médias. Mas quando se faz a comparação com as cidades pequenas do Rio Grande do Norte, não há uma diferenciação tão grande, mas se tomarmos uma cidade pequena e outra maior, por exemplo, Serrinha e Caicó, vamos ver uma diferença enorme e as desigualdades latentes. Por outro lado, as práticas sociais, como a seletividade espacial, a questão da injustiça espacial, se colocam como questões a serem analisadas. Acho que a questão da justiça espacial é muito atual e está se mostrando como é necessário discutirmos. Recentemente ocorreu um caso que explicita o resultado dessa seletividade: por exemplo, o caso de uma cidade do Rio Grande do Norte em que o prefeito declarou isolamento total, mas tinha apenas 11 casos de Covid-19. Segundo ele disse, não podia deixar as pessoas fazerem o que bem entendem, porque não tinha um hospital para colocar essas pessoas quando ficassem doentes. Essa ação mostra que o processo de regionalização efetuado no Nordeste, de modo geral e, particularmente no Rio Grande do Norte, é uma regionalização muito seletiva. Temos a regionalização da saúde, segurança, enfim, é muito seletiva. As áreas consideradas como centrais da região recebem maior investimento e o resto fica com quase nada.

Então, quando começamos a estudar essa questão do ordenamento territorial e suas possibilidades no Brasil, sendo esta a temática contemplada por ocasião da realização do Pós-doutorado, comecei a visitar pequenas cidades de Portugal, praticamente todas as cidades do Norte de Portugal e, aos poucos, percebi o quanto é diferente. Não dá para comparar de forma alguma, tanto que, quando eu comecei o trabalho, queríamos utilizar

o estudo comparativo, mas depois desconsideramos porque não dá para comparar cidades como Penafiel, que tem vinte e poucos mil habitantes, mas tem hospitais com todos os serviços. Então estudamos Amarante, Santo Tirso e Chave, no Norte de Portugal, localizadas na fronteira com a Espanha. São cidades que trabalham com o urbanismo empresarial, que têm um planejamento territorial coordenado pelo Estado de Portugal.

No Brasil, temos alguns exemplos nas cidades do Sul e Sudeste que são cidades que foram planejadas, a exemplo de Maringá, o que é diferente das cidades do Nordeste, que vão se formando por fazendas e povoados. Como coloquei, teve duas pesquisas que foram importantes para nós, uma sobre o planejamento das pequenas cidades, financiada por três anos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ao final da pesquisa, chegamos à conclusão que não tem planejamento, não se pensa na cidade, o que existe, na realidade, são decisões momentâneas, inclusive vinculadas às ofertas de políticos por meio das chamadas emendas parlamentares. Os gestores não pensam no planejamento das cidades, por isso, temos tantas desigualdades no Brasil e agora agravadas pela pandemia.

Outra pesquisa foi sobre as desigualdades socioespaciais, financiada pela Finep. Essa pesquisa nos deu a oportunidade de conhecer todo o Rio Grande do Norte. Só tem um município que eu não conheço, a cidade de Galinhas. Aplicamos 1.500 formulários no estado. A partir dessa pesquisa, foram se apresentando outras questões merecedoras de investigação. É o caso do terciário. Percebemos que, o Bolsa Família, começa a dinamizar a economia local.

Ítalo Ramon Sales Silva (Estudante do Curso de Geografia da UVA): Como você avaliaria essas pequenas cidades sem o programa Bolsa Família?

**Ao final da pesquisa, chegamos à conclusão que não tem planejamento, não se pensa na cidade, o que existe, na realidade, são decisões momentâneas, inclusive vinculadas às ofertas de políticos por meio das chamadas emendas parlamentares. Os gestores não pensam no planejamento das cidades, por isso, temos tantas desigualdades no Brasil e agora agravadas pela pandemia.**

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** Para entendermos esses desdobramentos, temos que nos remeter à questão da cultura do Nordeste. Sabemos que, historicamente, tínhamos relações de compadrio. O professor Manoel Correia de Andrade fala sobre essas relações de compadrio. Não existia o elemento monetário e essas relações eram estabelecidas pela troca de trabalhos por mercados e, por isso, muitos ficaram ricos em períodos de muitas secas, quando muitas obras de combate aos efeitos das secas foram realizadas. Então, quando o Bolsa Família chega, cria uma circulação monetária e essa circulação vai dar uma certa autonomia para as mulheres. Uma das alternativas para essa crise econômica é criar artifícios no consumo interno. A política social do Lula cria condições favoráveis ao consumidor e estes passam a comprar o que acham necessário. O aumento do consumo aliado a políticas locais de criar alternativas do dinheiro permanecer nessas cidades, bem como à emergência de agências bancárias e correspondentes bancários vão se juntar à circulação monetária, contribuindo para o surgimento de novas demandas, e as relações antes estabelecidas, baseadas na cultura da dádiva, são substituídas pela relação mediada pelo dinheiro.

Entretanto, essa realidade não rompeu de forma definitiva com as relações de dependência das pessoas de menor poder aquisitivo. Durante a pesquisa, foi possível constatar tal realidade ao perceber um proprietário de um estabelecimento comercial que mantinha o cartão de diversas pessoas participantes do programa social Bolsa Família. Essa atitude era justificada como sendo a forma pela qual o pagamento das dívidas era garantido.

Percebemos que essas políticas de distribuição de renda geraram uma reprodução diferenciada no âmbito do comércio. Por exemplo, a cidade de Venha Ver, por ocasião da instalação do município em 1º de janeiro de 1997, contava apenas com duas bodegas, que não chegavam a ser uma pequena mercearia. Tinham apenas o básico do básico. Na atualidade, essa cidade conta com um número de estabelecimentos comerciais bastante expressivo que atende às demandas da população. Essa realidade gera uma nova leitura, pois, mesmo que o comércio abrigue atividades informais e não gere um número de empregos expressivo por seu caráter familiar, gera demandas diferenciadas. Por isso, o Bolsa Família oportunizou uma nova realidade nessas pequenas cidades.

Alguns autores e economistas chamam isso de economia sem produção, mas não deixam de perceber que é uma política importante para a economia dessas cidades, por promover não só a dinâmica do comércio, mas também de serviços, em especial os serviços de saúde, por conseguinte, novas práticas de consumo, como estética, entre outras.

Nesse contexto, podemos afirmar que a política social, de certo modo, redefiniu as interações espaciais estabelecidas entre as cidades no espaço regional em que se insere, mas também em outras escalas. Eu visitei em uma pequena cidade aqui do Rio Grande do Norte um salão que fazia perucas para serem vendidas em outras regiões do estado e do Nordeste. Outro fato que também demonstra a emergência de novas interações espaciais pode ser exemplificado por meio da articulação comercial estabelecida entre estabelecimentos comerciais de cidades pequenas do Rio Grande do Norte com grandes empresas de movelaria localizadas Sul e no Sudeste do Brasil.

Tudo isso ocorre quando as pessoas passam a ter acesso ao dinheiro, fato que ocorre com a implementação de políticas públicas nas pequenas cidades que, até então, não existiam.

**Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes (UVA):** Como você selecionou os municípios para a pesquisa empírica? Explique melhor a questão da exclusão desses lugares e as relações de trabalho.

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** A escolha dos municípios se explica por se localizarem em áreas que têm características que nos motivaram. Por exemplo, o Seridó, onde estão localizadas Currais Novos, Jardim de Piranhas e outras cidades que constituem a zona central do estado. Do ponto de vista econômico é deprimida, pois passa por problemas cruciais após o fim da produção do algodão e, depois, da mineração no Rio Grande do Norte no município de Currais Novos, onde se tinha a maior produção de scheelita do mundo, perdendo apenas para a China, que até então estava fechada para o mercado internacional. A produção de scheelita de Currais Novos supria as necessidades da produção bélica no período da Guerra Fria. No final dos anos 1980, essa mineração entra em crise e os problemas da região aumentam. A outra área do estudo é onde temos a principal área de fruticultura irrigada, na bacia do Piranha-Açu. O objetivo era perceber como essa fruticultura influenciava no comércio e nos serviços da área. Percebemos que a influência principal dessa economia não se dava necessariamente nessas áreas,

pois os trabalhadores eram temporários e aos finais de semana voltavam para seus locais, onde gastavam o dinheiro que ganhavam. Esses trabalhadores, na sua maioria, eram de outros estados, como Ceará e Paraíba. Então essas cidades, que são alimentadas pelos programas sociais em dia de pagamento do Bolsa Família, ficam muito dinâmicas. Na pesquisa, trabalhamos também com a cidade de Campo Grande, que está no meio de uma transição entre o Oeste, onde tem uma fragmentação muito tensa, e o Sertão. Então isso foi o que levou à escolha dessas cidades. A indústria, nesse momento da pesquisa, ainda era a base de trabalho familiar, era um emprego pouco formal e existia até denúncias de trabalho infantil. Hoje, essas indústrias já são mais fiscalizadas e, por isso, há um embate muito grande em torno dessa relação capital-trabalho. Também temos o aumento do uso das técnicas e máquinas nesse setor, e isso também gera o desemprego.

Eu tive a oportunidade de fazer dois trabalhos de campo e percebemos que essa qualificação, do ponto de vista da técnica, está influenciando diretamente no cotidiano dessas cidades. Posso apontar também o conflito que ocorreu com a empresa Riachuelo nessa relação capital-trabalho que, com a crise, a justiça a obrigou a pagar uma grande causa trabalhista. A empresa recorreu dizendo que iria falir e tinha que despedir todos os funcionários e, nessa queda de braço, os trabalhadores aceitaram as condições impostas pela empresa, para não perder seus empregos. Isso mostra como essa relação capital-trabalho é muito tensa, mesmo em cidades de pouca expressividade. Os estudos desenvolvidos por Karl Max são muito interessantes para entendermos essas questões, só que a realidade que ele viveu é muito distante da nossa.

Estou lendo o livro *Cidades do amanhã*, de Peter Hall<sup>3</sup>, e é muito interessante como a realidade dos trabalhadores da Inglaterra no período das revoluções industriais é muito parecida com nossa realidade. Sobre a exclusão e inclusão das cidades, é como falei de início, as políticas públicas são muito seletivas, o que, no Nordeste, eu gosto de falar, que temos enclaves. Isto é, áreas beneficiadas por políticas públicas, enquanto outras são esquecidas, formando esses enclaves particulares, como é o caso das

---

3 HALL, Peter. *Cidades do Amanhã*: Uma história do planejamento e projetos urbanos no século XX. Perspectiva, 4ª edição, 2016.

facções empresariais, que são lideradas por grandes empresas. E assim, cada vez mais a relação capital-trabalho é uma balança desequilibrada.

Já em relação à inclusão dessas cidades, temos o exemplo da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que é pensada para o desenvolvimento do Nordeste, mas, dentro dessa proposta, é visada a criação de um mercado consumidor e, a partir de então, o trabalho assalariado ficou mais intenso. Claro que isso não ocorre em todos os lugares e as pequenas cidades vão se inserindo nessas relações com a demanda do mercado consumidor que aparece dentro delas. José de Sousa Martins fala muito da exclusão social. Para ele, o capitalismo não tem a intenção de excluir ninguém, nem espaços, agora a forma de inclusão é, segundo ele, muito perversa.

No que se refere às relações de consumo, as pessoas ficam cada vez mais endividadas para comprar mercadorias de marca etc. As pequenas cidades estão cada vez mais dentro desse processo e, para isso, houve uma reestruturação do comércio, surgindo lojas para atrair cada vez mais o consumidor, coisas que antes não tinham. Existiam as feiras, bodegas e hoje as pessoas só querem comprar nas boutiques. E tudo isso ocorreu sobremaneira nessas pequenas cidades pela inserção das políticas públicas como o Bolsa Família.

**Ismael Rodrigues de Souza (Estudante do Curso de Geografia da UVA):** Nas Cidades pesquisadas pela senhora, no que consiste a relação local-global, o que se mantém do lugar e o que desapareceu?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** Vou partir de uma afirmação de José de Souza Martins, na discussão sobre a Lei de Terras no Brasil. Segundo ele, elas [as terras] vão substituir o escravo, capitalizando seus recursos. Antes disso, a renda capitalizada se manifestava no próprio escravo, que era tratado como um objeto e, se pensarmos as relações que o capitalismo faz com o trabalhador, não fica muito longe disso. Para Martins, o capital cria e recria condições para sua reprodução. A partir dessa ideia do capital se reproduzir, ao colocarmos essa perspectiva para a pequena cidade e a questão local-global, identificamos que algumas permanências são fundamentais para o capital. Milton Santos, no livro *Por uma outra globalização*<sup>4</sup>, ao se referir à globalização como fábula, assevera que a globalização está em todos os

4 SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, 3.ed, Ed. Record, 2000.

lugares, mas não da mesma forma, e penso que nas cidades pequenas as práticas tradicionais de comércio se mantêm e vão se aperfeiçoando. O capital procura fazer as mudanças, como promover a financeirização do território, bem como se articular a outros espaços. É comum nas cidades pequenas os comerciantes usarem a internet para fazer compras e pagamentos; as redes sociais para a comercialização de produtos, utilizadas em larga escala por grandes empresas, também são utilizadas por pequenos comerciantes das pequenas cidades. Sendo, portanto, o moderno atrelado ao tradicional. Há ainda a comunicação imediata: todos sabem o que está na moda e, com isso, o consumismo é rapidamente difundido. Nesse sentido, o tradicional reflete o global e vice-versa.

**Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves (UVA):** Quais conselhos você daria para um Pesquisador Iniciante?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** Olhe, a primeira coisa que posso aconselhar é ter perseverança. Acreditar que as coisas irão acontecer. Sabemos que não é fácil pesquisar e, na área de Ciências Humanas, os desafios são maiores. Minha pesquisa sobre o planejamento das pequenas cidades não foi fácil, porque trabalhar com pessoas do setor público, com gestores em geral, não é fácil. Temos dificuldade de entrevistá-los, às vezes é até difícil encontrá-los na prefeitura. Os prefeitos colocam sua equipe e, quando troca de gestão, é uma equipe nova e, muitas vezes, levam consigo informações valiosas. Mas é preciso persistir, ter afinidade com o tema pesquisado.

A obtenção de informações é desafiante e exige criatividade. Eu não estou querendo de nenhuma maneira desmotivar as pessoas que estão começando, mas a gente sabe que não é fácil você obter informações. No caso dos municípios aqui no Rio Grande do Norte, cidades por exemplo como Mossoró, Caicó, Currais Novos são cidades que não têm ainda a cultura da informação. Eu tenho um aluno que está fazendo um estudo sobre Currais Novos e ele está tendo muita dificuldade de obter informações importantes.

Outra orientanda minha, que trabalhou com o comércio de Natal, ela não conseguia informações sobre os comércios devido à natalidade e morte das atividades, e isso é recorrente. Você chega uma semana, tem uma, duas, três lojas abertas e, na semana

**Sabemos que não é fácil pesquisar e, na área de Ciências Humanas, os desafios são maiores.**

que vem, não tem mais. Ocorre uma rotatividade muito grande, não tem capital de giro. Passei por uma situação muito engraçada, fui entrevistar a Secretária de Assistência Social que era esposa do prefeito. No tempo, eu estava fazendo um trabalho de extensão, um trabalho sobre segurança alimentar nas pequenas cidades. Indaguei a ela sobre as políticas de Ação Social da Prefeitura e ela não sabia responder. Em seguida, fui entrevistar outro secretário. Eu comentei que não entendia porque a secretária não sabia responder coisas inerentes à secretaria e ele disse que ela era dona de casa e o marido tinha assumido a prefeitura e a colocou como secretária.

Não sei aí no Ceará, mas aqui é assim. Então, para pesquisar necessita gostar de fato da coisa. Necessitamos de financiamento. Na época, contávamos com uma equipe de dez pessoas em um carro e ficávamos três dias em campo. Durante a pesquisa, percebemos que mesmo nas cidades que eu chamo “fora de rota”, ou seja, aquelas que só se vai quando tem algo para fazer, lá tem uma antena de internet que está fazendo a conexão com o mundo, embora não seja global, mas expressa o conteúdo global e são muitas possibilidades que temos para pesquisar.

**Francisco Márcio Almeida Gonçalves (Estudante do Curso de Geografia da UVA):** Nas suas pesquisas, você conseguiu identificar como a Globalização altera o lazer nas cidades pequenas?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** O turismo, como uma atividade extremamente globalizada, chegou a todos os lugares. Até mesmo o turismo de evento, por exemplo, acontece hoje em determinados locais que antes não acontecia. E esse tipo de turismo, em sua maioria, principalmente os mais tradicionais, acontece sob a orientação de uma grande empresa, por exemplo, a festa junina em diversos lugares do Nordeste é definida pelas empresas de cerveja. Isso nos mostra como são as definições dos locais, mas estão dentro dessa lógica de reprodução maior do sistema capitalista, inclusive, as grandes empresas orientam as pequenas. Então as atividades econômicas, de modo geral, são a expressão maior da globalização e

**Então as atividades econômicas, de modo geral, são a expressão maior da globalização e chega em todos os lugares, e isso se dá a partir do consumo, as pessoas querem possuir objetos de marca e isso é bastante difundido.**

chega em todos os lugares, e isso se dá a partir do consumo, as pessoas querem possuir objetos de marca e isso é bastante difundido. Sabemos que a globalização permite as interações espaciais e isso ajudou bastante na propagação da Covid-19, o ir e vir intenso das pessoas, que é sobremaneira essencial para a convivência, comunicação etc.; já não podemos pensar em cidades isoladas do mundo, pois mesmo as cidades pequenas expressam o conteúdo global.

**Prof. Heronilson Pinto Freire (UERN):** Como você analisa a realidade das pequenas cidades nesse momento de pandemia, as reflexões e impactos que estão sofrendo, como estão se saindo?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** Realmente isso tem sido um ponto de muita reflexão. Na pesquisa de desigualdades socioespaciais, fizemos um relatório e observamos que não existe um planejamento para as pequenas cidades, conforme já fiz alusão. E nesse momento estamos observando que essas desigualdades ficaram muito claras. Reconhecemos que ocorreram melhorias na qualidade de vida das populações pobres, principalmente com relação ao consumo. No entanto, o mesmo não ocorreu noutros aspectos considerados como constituintes das desigualdades. A população conheceu o consumo, mas não na mesma proporção da distribuição dos equipamentos sociais, como saúde, segurança, educação que, mesmo com uma tímida melhora, ainda não são suficientes para atender às demandas da população.

E, com a pandemia, explodem os significados dessas ausências, como em casos de cidades que não têm um único leito de UTI para atender à população e encontraram como solução a decretação do isolamento total, e isso vai se repetindo nas pequenas cidades de todo o país.

**A população conheceu o consumo, mas não na mesma proporção da distribuição dos equipamentos sociais, como saúde, segurança, educação que, mesmo com uma tímida melhora, ainda não são suficientes para atender às demandas da população.**

As políticas públicas são muito seletivas e, neste momento, são essenciais para todos. Não se tem ambulância para transportar todos e esses veículos muitas vezes ainda são usados para fins eleitorais, e isso se repete nas demais áreas sociais. Então os estudos sobre isso devem ser ampliados para que os gestores percebam

a necessidade das políticas públicas que amenizem essas desigualdades. As comunidades são muito carentes e quando pegamos a quantidade de população dessas cidades e levantamos quem recebe de fato as políticas públicas, o número é mínimo, então entender e desvendar essas questões é fundamental.

**Antônio Leonardo Silva (Estudante do Curso de Geografia da UVA):**

Em relação aos fluxos migratórios, quais são os impactos nas pequenas cidades?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** Os movimentos migratórios nunca foram o foco das minhas pesquisas, mas podemos fazer algumas observações. Sabemos que um forte motivo para essas migrações das pequenas cidades para as maiores é exatamente a busca por trabalho, qualificação profissional e ensino, principalmente o superior. No período do governo Lula (2003-2011), uma coisa que chamou muito atenção foi a migração de retorno. As pequenas cidades começaram a se dinamizar e foram atraindo, possibilitadas pelas políticas públicas e a expansão e interiorização do Ensino Superior. Esses locais, que historicamente tinham crescimento populacional negativo por conta da emigração, agora começam a receber de volta pessoas qualificadas, para atuar nos serviços.

**Sara Heline Rodrigues de Brito Silva (MAG/UVA):** O que você aponta nos seus estudos sobre o consumo nessas Pequenas Cidades?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** O consumo é a parte final do processo de produção. Em um de seus textos, Karl Marx vai deixar isso muito claro, nas mais diversas etapas do processo produtivo, ou seja, o consumo reproduz o capital e vice-versa. Antes, a discussão do comércio era muito escassa e havia preconceito com comerciantes. Max mostra que a produção do comércio é fundamental para o capitalismo e motiva as pessoas para consumir. Com as tecnologias, a sociedade é crescentemente ultra-consumista e tudo é transformado em mercadoria, até o espaço. Muitos autores clássicos e atuais falam sobre isso. Nesse primeiro momento, a pandemia trará uma nova reestruturação para o território e para o comércio, que cria e recria as necessidades de consumo e isso chega nas cidades pequenas.

**Prof. Luiz Antônio:** Em sua opinião, o que coloca essas cidades “fora de rota” em uma rota, por meio das Políticas Públicas nos Diversos Setores?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** Isso é uma coisa muito interessante, inclusive estou orientando um aluno que tem a proposta de trabalhar a centralidade em uma perspectiva da economia, mas temos outras formas de analisar essas centralidades. Uma delas seria a flexibilização e descontinuidades dos territórios e percebemos que estas centralidades são efêmeras. Nesse momento, as festas, que são em períodos específicos, diante da situação de pandemia, para os eventos acontecerem nessas pequenas cidades na perspectiva do consumo, terão muito que pensar, pois os eventos são muito importantes para as economias locais e, com o cenário da pandemia, muitos não ocorrerão. Então, pensar no futuro pós-pandemia será fundamental. E o papel do Estado na construção de políticas públicas menos seletivas e sem fins políticos é importante. No momento atual, em que estamos vivendo um período de desconstrução das políticas públicas e de direitos básicos, torna-se fundamental o papel da sociedade para lutar pelos direitos e garantias trabalhistas, que aos poucos estamos perdendo sem lutar.

**No momento atual, em que estamos vivendo um período de desconstrução das políticas públicas e de direitos básicos, torna-se fundamental o papel da sociedade para lutar pelos direitos e garantias trabalhistas, que aos poucos estamos perdendo sem lutar.**

Uma preocupação minha com essas pequenas cidades é justamente com o papel da população por seus direitos. Muitos dependem do dinheiro da prefeitura para sobreviver e não têm um olhar crítico para a realidade. Destaco o papel do Estado nesse sentido, para a construção de políticas menos seletivas, e nós, como professores, ajudar na formação de jovens críticos, e devemos nos inserir na luta.

**Breno de Abreu Lopes (MAG/UVA):** Como você entende o Ensino Superior na perspectiva das pequenas cidades e quais as repercussões desse acesso?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** A educação salva, ela é a chave para o desenvolvimento da sociedade, não só nas grandes cidades, mas nas pequenas também, e com maior força, pois antes a população não tinha acesso ao Ensino Superior e qualificação profissional, agora isso é uma realidade.

A educação traz muitas mudanças, mas seus efeitos são a longo prazo. Aos poucos, muda a qualidade de vida da população, forma uma sociedade mais crítica e isso é muito positivo. Nossa esperança está no ensino de qualidade e na construção de uma sociedade igualitária, e isso são grandes desafios que temos que enfrentar.

**Jerfson Lins:** Qual a importância de seu objeto de pesquisa e metodologia adotada no campo da produção do conhecimento científico?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** Como objeto de estudo, hoje eu digo que tenho o urbano como objeto de estudo. E, de modo específico, as pequenas cidades. Outros grupos foram surgindo. A temática passa a compor mesas de debates em eventos, especificamente nos eventos que tinham o urbano como foco. Por exemplo, no evento de São Paulo e Recife que falei para vocês, onde não se tinha a discussão dos seus papéis na perspectiva do urbano, e sim, dentro da hierarquia das cidades, que eu não julgo ser o certo, pois as cidades já não seguem essas hierarquias, não podemos comparar a força de uma cidade média com uma pequena. O impacto positivo que a gente pode ver é o desejo de jovens mestrandos e doutorandos no entendimento das pequenas cidades em nível nacional. E suas contribuições para a Geografia é justamente abrindo caminhos para entendermos sobre seus desdobramentos.

Como metodologia, temos e devemos ter o conhecimento físico dos lugares, com visitas, viagens, construção de mapas, coletas de dados, entrevistas, questionários para, assim, termos uma significativa produção de conhecimento científico, abrindo caminho para mostrar e desvendar a realidade dos lugares, bem como a necessidade dos estudos e pesquisas das ciências humanas, sem nunca esquecer de usarmos autores clássicos e atuais de nossa literatura. As pesquisas nas fontes teóricas são essenciais, as de campo imprescindíveis.

**Prof. Francisco Clébio:** Quais limites, possibilidades e as perspectivas futuras que você apontaria em sua área de atuação?

**Prof.<sup>a</sup> Rita:** Os limites e possibilidades são quase infinitos, pois da temática das pequenas cidades, teremos caminhos para outras pesquisas. Seus desdobramentos são muitos, não mais em escala local, regional, e sim nacional, seja desde o setor primário, terciário etc. Esses desdobramentos são sociais, econômicos, estrutural, organizacional. Sendo assim,

temos muitas possibilidades para a construção do conhecimento e, assim, podemos contribuir cada vez mais com a Geografia e fazer com que as pessoas tenham conhecimento das suas realidades e, assim, compreender o mundo em que vivemos e sermos pessoas cada vez mais críticas.

O estudo das cidades pequenas tem muito a crescer no Brasil, mas algumas modificações devem ser feitas. Por exemplo, os estudos relacionados à descontinuidade e desconcentração das informações, devendo ter a flexibilização dos territórios, cada um em seus respectivos períodos, sem que haja uma homogeneização entre as regiões, pois essas são muito diferentes. O Estado deverá assumir seu papel de implantar políticas públicas que não sejam seletivas, o que deverá ser feito é uma reflexão crítica para toda a sociedade e que esta busque garantias sociais como direito de todos, e não privilégio para poucos. Sempre gosto de destacar o papel do Estado nesse sentido, pois em minha pesquisa das cidades pequenas de Portugal vimos como o planejamento é fundamental para a implementação de políticas e planos organizacionais do território.

Uma inquietação muito grande que eu tenho é justamente com os moradores das cidades pequenas, que vivem, em sua maioria, de políticas públicas de distribuição de renda e poucos se interessam para o entendimento real da sociedade, pois de fato nestes locais existe uma seletividade cultural e muitos se calam diante das mazelas sociais. Há muito o que fazer, muitos estudos devem e serão feitos para, assim, desvendarmos nossa realidade em curso.

Espero que ainda tenhamos muitos estudos a fazer! Quero dizer aos jovens que eles é que darão continuidade a esses estudos. De maneira especial, quero agradecer a professora Virgínia pela confiança de me oportunizar a contribuir com o grupo de estudo. Muito obrigada!



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m<sup>2</sup>, com 262 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:

Abril de 2022.

**Saiba como adquirir o livro  
completo no site da SertãoCult**

[www.editorasertaocult.com](http://www.editorasertaocult.com)

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**

Série  
Território  
Científico

SER  
TÃO  
CULT

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da Ser-tãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série Território Científico chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais na sua maioria da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) que participaram do Grupo de Estudos - Abordagens teóricas e metodológicas nos estudos das cidades médias e pequenas, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - GEPPUR e o Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais - LEURB/UVA no ano de 2020. Eis a obra “Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.



ISBN 978-856796088-3



9

788567

960883